

UNIFICAÇÃO

Diretor-Responsável:
PAULO ALVES DE GODOY
(MTPS-2777/SJPESP-3649)

Órgão da
UNIAO DAS SOCIEDADES ESPIRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO
«U. S. E.»

Conselho de Redação:
DR. LUIZ MONTEIRO DE BARROS
PROF. APOLO OLIVA FILHO
ABEL GLASER

ANO XIX

Registrado no Departamento Nacional de Propriedade Industrial sob n.º 153.653, em 11-4-1956 e de acordo com a Lei Federal n.º 2.063, de 12-11-1953, combinado com o Dec. Federal n.º 4.857, de novembro de 1939, sob n.º 1.244, no Cartório do 1.º Ofício da Capital.

SÃO PAULO — BRASIL
OUTUBRO DE 1971

Redação:
Rua Maranhão, 404 - C. Postal, 3.946
Telefone: 52-6273 - São Paulo - 3

N. 223

COMO PROCURAR A VERDADE

LUIZA F. CAMARGO BRANCO

Há uma personagem que aparece no Evangelho de João, digno de estudo mais acurado do que o simples conhecimento da sua existência. É pessoa difícil de ser compreendida principalmente se nos restringirmos a estudá-la fora do seu tempo e da sua raça. No capítulo 3, João, o evangelista, que completou os três evangelhos sinóticos, conta: «E havia um homem entre os fariseus por nome Nicodemos, príncipe entre os judeus». Certa noite ele procurou Jesus e, saudando-O, disse-Lhe: «Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus». E acrescentou, não só justificando a sua ousadia em ir procurá-lo como para demonstrar a sua confiança no Rabi: «porque ninguém pode fazer o que Tu fazes se Deus não estiver com eles».

Como Nicodemos fazia parte do Sinédrio e era principal entre a sua gente, devia conhecer muito bem as leis mosaicas e o código judeu, a Thora, a Lei. Ao procurar Jesus demonstrou claramente, incontestavelmente que a Thora e os Profetas não o estavam satisfazendo mais apesar de ser fariseu, isto é, um que cumpria a lei mosaica rigorosamente, ao pé da letra. Podemos então ver que Nicodemos, insatisfeito, desejava encontrar a Verdade e sabia que só Jesus podia revelar-lha. Faltava, porém, ao consultar uma qualidade que Jesus, como vemos em suas lições e práticas, considerava indispensável para um príncipe, ou um pregador, ou um apóstolo: a coragem. Nicodemos teve medo que os outros fariseus e os outros principais do povo o vissem não apenas conversando mas, consultando o Mestre. O Pe. Cristiano defende Nicodemos da pecha de covardia alvitando que Nicodemos foi procurar Jesus à noite porque o Mestre estava sempre rodeado de muitas pessoas durante o dia. E não bom poderemos considerar alguém acima de um sentimento negativo que podemos aceitar essa explicação. Ainda mais que nas três vezes em que João se refere a Nicodemos este se mostrou digno e valeroso. «Condena, porventura, a nossa lei algum homem antes de o ouvir e antes de se informar das suas ações?» disse Nicodemos, enfrentando agora corajosamente a fúria, o ódio e o deliberado crime dos seus pares.

E outra vez revelou elevado sentimento ao comparecer ao enterro de Jesus: (J. 19,39) — ... veio, também, trazendo uma composição de quase cem libras de mirra e de aloé».

Era doutor, como Jesus o chamou, e carecia de um ensinamento que já era crença firme e antiga entre o povo e os apóstolos: a lei da reencarnação. Por isso é que Jesus deu graças ao Pai por haver revelado aos pequeninos o que ficou oculto aos grandes e poderosos.

O preconceito dos fariseus de que só os filhos de Abraão eram dignos de salvar-se, fez Jesus esclarecer a Nicodemos: (Jo. 3,6) «O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito, é espírito. Não te maravilhes de Eu te dizer: Importa-vos nascer outra vez». Mas, o doutor da lei, há dois mil anos, estava ainda no grau de conhecimento dos anti-reencarnacionistas de hoje e só viu a grande Verdade como um pequeno absurdo material: entrar novamente no ventre materno.

E o tímido doutor da lei transformou-se pela palavra de Jesus, e soube receber e aproveitar os eflúvios que dele dimanavam. Mesmo sendo doutor procurou a Verdade pois estava na noite do desconhecimento e foi iluminado e iluminou-se pela palavra e pela presença de Jesus. A Verdade o libertou dos preconceitos farisaicos e enfrentou o supremo poder de Israel: o Sinédrio.

A verdade principal que recebeu foi saber que não existem penas eternas por uma lei sublime e misericordiosamente justa, a lei que o Espírito apresentou a Kardec no § 171 como um dogma divino, isto é, como verdade incontestável, a lei da reencarnação.

Nicodemos era mestre em Israel e desconhecia a lei que uns pobres pescadores conheciam! (vide o episódio do cego de nascença). Jesus alertou Nicodemos (Jo. 3,12) de que somente quem estiver preparado pode receber determinados graus essenciais da Verdade. O que importa é esforçar-nos para atingir o indispensável preparo fazendo como Nicodemos que foi procurar a Verdade — Jesus.

A fé na misericórdia de Deus leva-nos, pela palavra de Jesus, à lei da reencarnação.

OS GRANDES VULTOS DO ESPIRITISMO

José Luiz do Espírito Santo

Foi num ambiente de extrema pobreza, na cidade praieira de Araruama, no Estado do Rio de Janeiro, que reencarnou para nós uma existência terrena, aos 13 dias do mês de agosto de 1861, José Luiz do Espírito Santo, alma devotada ao bem, de quem nos ocuparemos nesta mini-biografia.

Filho de lavradores pobres, desde pequenino, dedicou-se ao plantio da lavoura, amainando aquelas terras no cultivo do campo, ajudando os seus progenitores naquela labuta diária, no rude trabalho braçal. Não dispunha de recursos para frequentar escola, porém, o seu espírito visionário sonhava com dias melhores. E foi animado dessa resolução, que ainda pequenino, pois, contava apenas 12 anos de idade em 1873, veio tentar a vida na Capital da República, o Rio de Janeiro.

Por certo não foi fácil a um garoto de doze anos, em condições humildes como a sua, pertencente à raça negra, analfabeto, numa cidade grande, vencer na vida. Quanto não deve ter sofrido o nosso herói, em seu primeiro contato com o mundo nas condições adversas que o cerca-

to daquela progressista cidade, a Sociedade Espírita «Humildade e Caridade», pertencente à Confraternização Espírita «Lar de Jesus».

Desenvolveu trabalhos extraordinários em prol da Doutrina, numa época em que era um temor confessar-se espírita, sendo passível até de perseguições, apesar de tudo a sua atuação foi marcante.

Pela sua vida exemplar, pelo seu acendrado amor à Causa, não nos deixa dúvidas de que foi um dos típicos representantes da Terceira Revelação, o Cristianismo Redivivo. Deu testemunhos, os mais diversos, pela sua humildade e espírito de filiação em vários setores de trabalhos. De Evangelho nas mãos, não ficava só nas palavras, sua ação era constante, socorrendo os enfermos do corpo e da alma, cumprindo aquelas máximas do Cristo: «Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo». Nessa disposição, consolando os aflitos, assistindo aos doentes, distribuindo passes e remédios, subindo aos morros, alfabetizando crianças e adultos. No trabalho do Bem, não se preocupava com horas, nem media distâncias, sob sol causticante ou debaixo de chuvas torrenciais, no asfalto ou no barro, na choupana ou no palacete, onde houvesse um necessitado, ali estava no socorro constante, em nome de Jesus, o Divino Amigo, que amava com toda pureza de seu grande coração.

Na década de 1920, frequentava os trabalhos da Federação Espírita Brasileira e como bom espírita da velha guarda, de temperamento dinâmico e ardoroso devotamento à causa, associou-se às tarefas do Bem, ali realizadas. Frequentava com assiduidade a sua Biblioteca, ávido de luz e conhecimentos, a fim de transmitir conscientemente em suas palestras, os conhecimentos adquiridos nos livros.

Conta-se um fato muito interessante, narrado em um trabalho bio-

(Conclui na pág. 2)



vam. Tudo faz crer, que só um espírito evoluído como o seu, pôde vencer-se a si mesmo, grangeando amizades e considerações.

Depois de muita luta, conseguiu emprêgo na Estação de Ferro Central do Brasil, onde por longos anos, foi seu funcionário, zeloso e muito estimado. Com muita força de vontade, procurou aprender a ler e escrever, frequentando uma escola depois de um dia de intenso labor, só uma fortaleza de caráter tão grande como a sua, poderia enfrentar os estudos, o que em outros seria motivo de desânimo. Nessa disposição, alfabetizou-se, sendo a sua maior vitória nessa encarnação.

Aposentou-se no ano de 1922, depois de 55 anos de serviço ininterrupto, no posto de Conferente de Primeira Classe!

Quem conhece o movimento espírita de Nova Iguaçu, no Estado do Rio, mesmo agora, depois de tantos anos de sua partida para a vida espiritual, ainda pode notar o marco de sua passagem. Foi ele o iniciador do movimento espírita daquele ramal, quando em 13 de abril de 1913, fundava em Andrade Araújo, distri-

REUNIÃO DO CONSELHO
DELIBERATIVO ESTADUAL
DA U.S.E.

SÃO PAULO — 12 DE DEZEMBRO
Sede da Federação Espírita do Estado de São Paulo
9,00 HORAS

Preço deste exemplar
CR\$ 0,30

JOSÉ LUIZ DO ESPÍRITO SANTO

(Conclusão da 1.ª pag.)

gráfico do nosso amigo e confrade Flávio de Souza Pereira: em 1922, durante os Festejos do Centenário, foi realizado um Congresso Espírita no Rio de Janeiro. Entre outras delegações estrangeiras, estava o representante da Federação Espírita Francêsa. Procurava-se um cicrone para o ilustre visitante, entre os promotores do Congresso, alguém que soubesse falar bem o idioma francês e o pudesse acompanhar aos lugares pitorescos da cidade.

Da programação, constava uma visita à Biblioteca da Federação, onde vamos encontrar todos reunidos, percorrendo suas dependências. Debruçado sobre um livro, numa de suas bancas de leitura, encontrava-se José Luiz, completamente absorto na leitura de um exemplar de «O Livro dos Espíritos», e, por mais incrível que possa parecer, o exemplar que lia, era um original em francês! Reportamo-nos, ao afirmar tal acontecimento, aquele garoto de doze anos, completamente analfabeto, quando chegou ao Rio de Janeiro, em 1873: 50 anos depois, em 1922, com 61 anos de idade, lá estava lendo em francês! Onde teria aprendido? Mistério impenetrável, pois, ninguém que o conheceu, teve conhecimento que estudasse esse idioma!

O ilustre visitante, ao deparar com aquele homem de côr, humilde, curvado ao péso dos anos, cabelos branquinhos e encaracolados, fez o que em seu lugar qualquer outro faria; dirigiu-lhe a palavra em francês, e ele longe de se embarçar, respondeu-lhe a todas as indagações, com naturalidade, na própria língua do interlocutor!

Daqule momento em diante, o francês tomou José Luiz como o seu cicrone, não o largando mais, enquanto aqui permaneceu. Mantiveram longas palestras. Posteriormente, em cartas de agradecimentos recebidas pelos congressistas, o representante francês expressou sua profunda admiração, pela sua pessoa, que de aspecto tão humilde, havia lhe proporcionado ensinamentos que até então ignorava, de expressões idiomáticas que ele próprio desconhecia em sua língua natal.

Vitorino Eloy dos Santos, o nosso querido Vovó Vitorino, hoje aos 83 anos de idade, que conviveu com os mais renomados vultos espíritas do passado, nos conta lindos casos de José Luiz, seu amigo incondicional, companheiro de jornada por muitos anos, ombro a ombro, lado a lado. Contou-nos o seguinte fato, que vale a pena registrar: — «falava José Luiz na tribuna da Federação Espírita Brasileira, no tempo de seu saudoso Presidente, Dr. Gullion Ribeiro, a respeito do subconsciente. Ffinda a explanação, uma pessoa da assistência pede esclarecimento sobre o significado do que seja o «subconsciente».

Do alto da tribuna, ele coça a barba e na sua simplicidade responde: — Essa estória de subconsciente, não é lá muito fácil de se explicar, porém, vamos figurá-lo para ver se me faço entender. «Uma vendinha do Interior, tem uma mercadorias exposta, aparentemente pouca coisa, venda pobre, sem muito o que se escolher, um saco de cada espécie. Como não nos agrade muito o arroz, indagamos se não existe outro melhor. Como não, diz o vendedor, e abrindo a tampa do balcão, nos convida a visitar o depósito no interior da casa, a fim de se escolher à vontade. Maravilhoso!... Nessé depósito existe de tudo em abundância, tudo que não imaginamos ali encontrar. — Pois bem, meu irmão, a parte da frente da venda é o nosso CONSCIENTE; o depósito dos fundos

é o nosso chamado SUBCONSCIENTE!... Entendeu agora?...»

Gostosas risadas espalhou-se pelo imenso salão auditório da nossa venerável Federação, ouvindo-se por alguns instantes, o murmúrio significativo de satisfação que se apossara da assistência, em virtude de tão extraordinária explanação em torno de assunto tão difícil de ser entendido e mais ainda de ser explicado...

No dia 11 de agosto de 1936, na localidade de Nilópolis, no Estado do Rio, imensa multidão acorria à sua residência humilde, face a notícia de sua desencarnação. As casas comerciais da cidade haviam cerrado suas portas e, toda aquela gente de semblante compungido, dava a impressão de grande dor, com seus olhos marejados de lágrimas.

No fim da tarde, compacta massa humana, acompanhava o féretro ao cemitério local, ali próximo à cova rasa recém-aberta, formou-se o costumeiro semi-círculo, onde vários oradores fizeram-se ouvir, prestando-lhe suas derradeiras homenagens, terminando com comovente prece ao Senhor dos Mundos, dedicada ao espírito humilde de José Luiz do Espírito Santo, que naquele dia regressava à Pátria Espiritual, deixando em cada coração uma inorredoura saudade.

Antônio de Souza Lucena

Onde está Deus?

Está em nós, bem no fundo
De nossos pensamentos...
Na vida que vivemos,
No ar que respiramos
Nos sonhos que tecemos
No bem que desejamos.

Está no mar,
Imenso, a se perder
Nos vagalhões d'espumas,
Ostentando radiante,
a limpidez do céu
Nas águas refletida!

Na escuridão das nuvens,
Na fúria da tormenta,
No vento e no trovão!
Do raio, no fulgor,
Na chuva benfazeja.
Que purifica o ar.

Na brisa que balança
Suavemente, os galhos
Da verde ramaria...
No Sol, com seu calor,
No gorgojo das aves
anunciando o dia.

Seu imenso Amor
Envolve a humanidade
Numa eterna esperança
De justiça e bondade.
Ele mostra-se até
Num riso de criança!

Já disse São Paulo, um dia,
Ao povo nobre de Atenas:
«Nós respiramos em Deus,
Movemo-nos e estamos»
Na sua eterna Harmonia!

Você junto aos doentes,
Dando conforto, esperança
Com carinho, com amor,
Deve sentir-se bem perto
Da luz pura que irradia:
A presença do Senhor!

Deus portanto, em tudo está,
Na beleza do trabalho,
Na paz e no santo amor!
E se soubermos amá-LO
Podemos encontrá-LO
Na mais pequenina flor.

OLGUITA

(São Paulo, 29-3-1971).

Ainda o Reconhecimento de Utilidade Pública

«As Instituições Educacionais e Filantrópicas gozam de imunidade para a Previdência Social?»

Em aditamento ao artigo anterior, esclarecemos que vivemos o problema, que intranquiliza sociedade de nosso conhecimento. Estamos pesquisando a matéria, com vista de recurso ao Judiciário. O tema é empolgante e o divulgamos na esperança de que outro profissional colabore conosco, em benefício de instituições inspiradas por todos os credos.

A Lei n.º 3.577, de 4-7-59, isentou de contribuição previdenciária as instituições filantrópicas, declaradas de Utilidade Pública, cujos diretores «não percebem remuneração». Determinou, expressamente, que elas receberiam apenas as contribuições devidas por seus empregados.

O decreto n.º 60.501, de 14-3-67, regulamentou a Lei Orgânica da Previdência Social, de n.º 3.807, de 26-8-60. Ele, no artigo n.º 182, dispõe que «estão isentas da contribuição estabelecida no item 164 as entidades de fins filantrópicos, reconhecidas de Utilidade Pública, cujos diretores não percebem remuneração». Obriga-as com referência às contribuições de seus assalariados.

O reconhecimento de Utilidade Pública, criado pelo decreto n.º 91, de 28-8-35, regulamentado pelo Decreto n.º 50.517, de 2-5-61, teve os seus requisitos mantidos pelo Cód. Tributário Nacional, artigo 14.

Mas, em direito, é sabido que o regulamento não tem condição de exceção ao dispositivo legal, nem de inovar, enérgicas normas não previstas na lei. «O regulamento não pode ferir a lei, nem dispor além do que ela contém.» (Lei de Introdução ao Cód. Civil, de Oscar Tenório, n.º 39). «O poder de regulamentar não pode extravasar o conteúdo da lei regulamentada.» (S. T. F., de 21-9-65, AI n.º 29.789-SP, em Revista Trimestral de Jurisprudência, vol. n.º 35, página 874)

Aconteceu, porém, que o Decreto n.º 1.117, de 1.º de junho de 1962, regulamentando a lei n.º 3.577-59, excedeu-se, fez limitações e exigências. O benefício legal da isenção previdenciária, pois, só é concedido a quem tiver o reconhecimento de Utilidade Pública Federal, for inscrito no Conselho Nacional da Previdência Social, renovado o registro, bienalmente. A nosso ver, data vênica, as exigências retratam ilegalidade. O Regulamento faz exigências que a lei regulamentada não previu. O que ela impõe, para a outorga do benefício, é o reconhecimento de Utilidade Pública, sem mencionar o Governo ou o Poder Público, que a declarou. A dúvida que se tinha sobre a matéria parece dissipada com o respeitável pronunciamento do Colendo Supremo Tribunal Federal, que assim decidiu: «o acórdão manteve a sentença concessiva, adotando os argumentos da sentença, o principal dos quais é o seguinte: «Tanto faz que o reconhecimento se tenha feito por lei do Estado, eis que o diploma legal invocado não condiciona, expressamente, a concessão do favor ao reconhecimento de utilidade pública por lei federal.»

O Excmo. Sr. Ministro Hermes Lima, o esclarecido relator do Recurso Extraordinário n.º 581800, GB, no seu voto de 16-8-66, expressou desta maneira:

«Comprovadamente a sociedade é de fins filantrópicos e seus diretores não percebem remuneração. Embora

seja estadual a lei que lhe reconheceu a isenção, esse reconhecimento, entretanto é idôneo, pois as sociedades filantrópicas também cumprem um papel social de importância no plano Estadual e Municipal, e isso está no interesse da Nação inteira.»

Tomaram parte no julgamento unânime os Exmos. Srs. Ministros Prado Kelly, Hermes Lima e Luiz Galotti. E o que se lê no acórdão publicado em Revista trimestral de Jurisprudência, que divulga, oficialmente, as decisões do Colendo Supremo Tribunal Federal. (Volume n.º 39, páginas 215-216).

Aí está apontado o caminho. Que percorram os interessados.

Noraldino de Mello Castro

Panorama Existencial

No afã de contribuir com o saneamento da atmosfera mental destas plagas e desejosos de ascender na escada evolutiva, empenhamo-nos no labor reencarnatório, investindo-nos na responsabilidade de diversificadas tarefas no campo da vida.

Localizados na esfera terrestre, debatemo-nos arduamente a fim de dar correto seguimento ao nosso programa existencial.

A nossa retaguarda, legiões de irmãos caminham com os braços estendidos a implorar o afeto e o esclarecimento de idéias, que negamos no pretérito. Relações incoerentes de acontecimentos desastrosos e imagens mórbidas, aguardam o nosso trabalho correativo.

No entanto, embora devedores negligentes, a cada momento somos bafejados com concessões benevolentes na presente existência, com a oportunidade de termos descerrado, às nossas vistas, as verdades sobre a vida espiritual, através da Doutrina Espírita.

Doutrina esta, que benfazeja e consoladora, nos impulsiona os passos e esclarece os pensamentos, facilitando-nos a caminhada.

Então companheiros, é conveniente e imprescindível que nos dediquemos com ardor e altruísmo no serviço evangélico, trabalhando e estudando, ensinando e cooperando.

E certo que temos uma família a conduzir e sustentar; também temos, emparelhando nossos passos, irmãos em piores condições suplicando-nos compreensão às suas insensatezes; distribuir a cada minuto um sorriso amigo, fazendo diluírem-se as tristezas dos que conosco convivem; conservar a paciência amiga ante a impaciência dos que ainda tem vedados os olhos à vida real, que é a de além-túmulo; trazer sempre uma palavra de esclarecimento aos que fazem acobertados por idéias negativas de desânimo, de desesperança ou de suicídio.

É preciso irmãos, que diante da situação caótica a que estão julgados os valores espirituais, ponhamos no serviço de recondição situacional, a fim de que juntos, laborando na Causa do Cristo, possamos transformar o panorama terrestre.

Urge que subtraiamos, com o trabalho sigiloso da prece e ativo do serviço cristão, a imagem desastrosa, para colocarmos uma estampa límpida e bela, que nos proporcionará um futuro cheio de paz e harmonia.

Wilson Francisco
Moidade Espírita
«Irmãos de Meimel»

HOMILTON WILSON

Desencarnou no Rio de Janeiro, no dia 19 de julho p. p., o nosso prezado confrade Hamilton Wilson. Natural de Sacramento, onde nasceu no dia 27 de maio de 1900, era irmão do iluminado Eurípedes Barsanulfo, foi um dos últimos descendentes do casal Hermógenes Ernesto de Araújo (Mojico) e Da. Jerônima Pereira de Almeida (Meca), família de tão nobres tradições.

Da prole numerosa de quinze filhos, restam apenas, dos homens, o sr. Odulfo Valdir, e por parte das mulheres, Da. Idalides Milan Rezende e Da. Elite Iran.

Travamos conhecimento com Hamilton no ano de 1916, colegas de classe que fomos, no Colégio "Allan Kardec", de saudosa lembrança. A classe, chamada Curso Superior, estava sob a direção direta de Eurípedes, Diretor do Colégio.

Desde mocinho Hamilton era dotado de viva inteligência, auxiliando o irmão nas aulas do Colégio.

Possuía de entusiasmo e exuberância, bem cedo se serviu da tribuna, de oratória eloquente e fluente, já muito para a sua idade. A sua inclinação para a poesia já se esboçava.

Por morte de Eurípedes, continuou ao lado de seu irmão Valterides na direção do Colégio "Allan Kardec", cargo que deixou mais tarde, dedicando-se ao comércio e deveres familiares. Foi, por esta época, diretor e redator de "O Borá", jornalzinho local.

Era Hamilton possuidor de grande penetração na Doutrina Espírita, sendo um dos seus mais tímidos e enérgicos defensores.

Querida a Doutrina praticada com a correção e lisura na sua pureza kardeciana e, dotado de temperamento fogoso, pregava valentemente contra as deturpações e práticas errôneas.

Ultimamente, como funcionário público do setor de Estatística, alcançou a sua aposentadoria, radi-

cando-se na cidade do Rio de Janeiro.

Foi nessa ocasião que mais cresceu a sua veia poética, editando um livro de versos, "O Canto do Borá".

Chefe de família exemplar, era casado com Da. Margarida Giani e Wilson, de cujo consórcio resultaram os seguintes filhos: Saulo Wilson, Carlyle Wilson, Marcos Wilson, Saul Wilson, Max Wilson, Olaco Wilson, Gianete de Giani Wilson, Paula Virgínia Wilson e Margarette. Deixa genros, noras e netos.



De algum tempo a esta parte, fôra atingido por moléstia insidiosa, submetendo-se a duas pesadas operações cirúrgicas, culminando com uma terceira de consolidação, mostrando-se, nos últimos meses, bem disposto e de ótima aparência.

O seu passamento deu-se às sete e meia da manhã, de maneira inesperada.

É mais um irmão do grande Eurípedes que passa para o mundo espiritual, indo engrossar a plêiade de espíritos de escol, que trabalhou com zelo e afinco, em caráter missionário, para o triunfo da Doutrina Espírita no Brasil.

T. NOVELINO

Médiuns Famosos

OS DAVENPORT

Ira Erástus Davenport e Guilherme Davenport nasceram na América do Norte, respectivamente em 1839 e 1841. Descendentes dos primeiros colonos ingleses, eram médiuns profissionais. Além da mediunidade psicográfica de Ira, não somente ele e Guilherme eram médiuns de efeitos físicos, como a sua irmãzinha. Certa vez, em Búfalo, os três levitaram-se até ao teto, em presença de centenas de pessoas.

Em Londres, em 1864, a primeira sessão que os dois Davenport deram, na residência particular de Dion Boucault, foi assistida por homens de ciência e jornalistas, tendo a imprensa publicado o resultado das reuniões.

Em Paris, no Palácio Saint-Cloud, apresentaram-se diante do imperador, da imperatriz e de cinquenta convidados; em Berlim, deram também algumas sessões diante de vários membros da família real. Depois de visitarem a Bélgica, foram à Rússia, onde deram uma sessão na sede da embaixada francesa, com a presença do mundo oficial e outra no Palácio de Inverno, em homenagem ao imperador e à Família Imperial. Na volta, passaram pela Polónia e pela Suécia, chegaram a Londres em 1868, estiveram novamente na América e de lá seguiram para a Austrália, desencarnando Guilherme, em Sidney, em julho de 1877.

Perseguidos, porque não quiseram renunciar ao Espiritismo, e julgados como escameleadores, foram espancados em Liverpool e vítimas do ódio e da inveja do escameleador Houdini, que, contra eles, escreveu um livro, felicemente tão cheio de erros e incoerências que não alcançou os resultados previstos pelos seus adversários.

Entre os livros publicados sobre os irmãos Davenport, encontramos: "Psicografia dos irmãos Davenport", por T. L. Nichols; "Experiências Espiritistas", por Roberto Cooper, e um outro, do Rev. J. B. Ferguson.

OS IRMÃOS EDDY

Os camponeses Eddy, Horáto e Guilherme (os irmãos Eddy) foram também médiuns notáveis, de efeitos físicos.

Quando a mediunidade lhes surgiu, "New York Daily Graphic" enviou ao local o Coronel Olliott para descobrir a fraude; todavia, após dez semanas em Vermont, Olliott publicou, em outubro e novembro de 1874, o resultado imparcial do que havia presenciado, bem como resumida notícia sobre os antepassados dos irmãos Eddy, e nos contou que essas mesmas faculdades haviam levado a avó deles à fogueira, com bruxa, por sentença, em Saïem, em 1692, tal como aconteceria nos dias de hoje com os nossos médiuns, se a pena da fogueira não tivesse sido substituída por perseguições de todo gênero. Quando meninos, os Eddy sofreram horrivelmente, pois até na escola eles caíam em transe. Seus próprios pais, ajudados pelos vizinhos, atiravam água fervendo no pequeno Eddy e colocavam brasas incandescentes na cabeça do menino, e, quando maiores, os pais passaram a explorar-lhes a mediunidade, cobrando taxas pelas suas exhibições, mas, ainda nesse tempo, eles tinham constantemente os braços e os dedos queimados pelo laço derretido e feridos pelas algemas, que, às vezes, eram tão fortemente ligadas que faziam brotasse sangue pelas unhas dos meninos, conforme

o livro da autoria do Coronel Olliott — "Gente do outro Mundo".

A mediunidade dos irmãos Eddy se manifestou de forma variadíssima: pancadas, movimentos de objetos, pintura a óleo, profecias, conversação em línguas estrangeiras, curas de doentes, levitações, psicografias, psicométrie, clarividência e materializações perfeitíssimas, apresentando-se cada Espírito com as vestimentas da sua raça e usos do seu país, bailando, cantando e fumando, em presença dos assistentes.

Um desses Espíritos, Honto, pesado repetidas vezes numa balança, acusou pesos variáveis de 30 a 40 quilos, o que demonstrou que o seu corpo era um simulacro que variava de densidade de minuto a minuto.

Esse Espírito se apresentou com a falta de um dedo na mão direita, informando de que o havia perdido quando em seu trabalho de marinheiro, na Terra.

SLADE

Enrique Slade, outro médium dos primeiros tempos, se exibiu na América, durante quinze anos, passando à Inglaterra, em 1876, e, posteriormente à Rússia. Operava a qualquer hora e em qualquer lugar e se fazia pagar por vinte acélims por sessão de quinze minutos.

Em 1876, foi processado diante do juiz Flowers, que desprezou o testemunho de Wallace, de Sergeant Coxe e do professor Wgld, para aceitar o do acusador, o escameleador Maskellyne, condenando-o a três meses com trabalhos forçados, pena que não cumpriu, por haver apelado para o Tribunal Superior.

Em 1877, esteve na Holanda, na Dinamarca e na Alemanha, onde trabalhou sob a orientação de Zöllner e de outros sábios, conforme nos relata o livro "Física Transcendental".

Em 1878, esteve na Austrália, e em 1885 na América, de onde voltou à Inglaterra em 1887, com o nome suposto de "Dr. Wilson", por temer novas perseguições contra ele.

Foi acusado algumas vezes de trapagaça por Hruessell, mas Zöllner afirmou que os fenômenos por ele observados invalidavam qualquer acusação leviana que se fizesse a Slade; todavia, podemos adiantar que Slade tentou fazer trapagaças nos últimos anos de sua vida, quando lhe faltou a mediunidade, após o esgotamento de suas forças físicas pelo uso do álcool, tal como aconteceu com o médium, o clérigo Monck, que depois de dez anos de mediunidade, ao se ver sem ela, recorreu aos truques.

Ass. de Assistência Social Espírita "José de Aguiar", Luz e Caridade"

A Instituição supra, sediada nesta Capital, comemorou no dia 19 de setembro, o seu 31.º aniversário de fundação.

A data foi festivamente rememorada, tendo havido o comparecimento de representações de vários Centros Espíritas da Capital e de Mogi das Cruzes.

Houve uma parte artística, tendo sido orador oficial o confrade Paulo Alves de Godoy.

Discorreu também em torno do acontecimento o confrade Antônio Sabino dos Santos, presidente da Associação e antigo propagador espírita da Capital.

SÚMULA DA ATA DA REUNIÃO DO CONSELHO DELIBERATIVO ESTADUAL DA USE, REALIZADA EM PIRACICABA, DIA 12 DE SETEMBRO DE 1971

1. Aprovada a ata da reunião anterior;
2. Lido o Relatório da Diretoria Executiva, referente ao período de 13 de junho a 12 de setembro de 1971;
3. O representante da U.S.E. junto ao Conselho Federativo Nacional dá informações sobre a realização da Segunda Reunião Zonal daquele órgão da F.E.B., na cidade de Recife, PE.
4. Questão do Controle da Natalidade à Luz do Espiritismo — Foi informado que os órgãos receberão as conclusões do trabalho elaborado pela Comissão designada, para aprovarem definitivamente a questão;
5. Os conselheiros receberam da Diretoria Executiva ante-projeto sobre a proposta de criação do Fundo de Divulgação Doutrinária, para ser estudado pelos órgãos e discutido na próxima reunião;
6. O diretor do Departamento de Mocidades dá notícias sobre a realização, em Taubaté, do 4.º Curso de Preparação de Dirigentes de Mocidades, comunicando que já está programado o 5.º Curso. O confrade João Rocha, membro do Conselho Diretor da II COMJESP, dá notícias das atividades preparatórias dessa Concentração;
7. O diretor do Departamento de Arte dá conhecimento, em linhas gerais, do que se pretende realizar nesse campo, fazendo apelo aos interessados para que estabeleçam contacto com o seu Departamento;
8. O diretor do Departamento de Educação tece considerações sobre o problema educacional em nosso Estado, informando das atividades do Instituto Espírita de Educação, e comunicando que as atividades do seu Departamento estão atribuídas ao I.E.E.;
9. Marcada a data de 12 de dezembro de 1971, para a realização da próxima reunião do C.D.E., na Capital;
10. Aprovou proposta de se recomendar à Comissão Mista pró-Fusão USE/FEESP, que envie esforços no sentido de abreviar os seus trabalhos;
11. Registrada a desencarnação dos confrades Dr. Flávio Pinheiro, de Ibitinga, Francisco Raitani, de Curitiba e Dr. Eugênio da Silva, de Piracicaba;
12. Os seguintes órgãos usaram da palavra para comentários diversos: LEESP, Mineiros do Tietê, Piracicaba, C.M.E., 9.ª Zona da Capital, São José do Rio Preto, FEESP, Araraquara, I.E.E., Santo André e Bauru.

Dolorosa Experiência Espiritismo Experimental

(Conto de Celso Martins)

JOSÉ JACINTHO

Meu primeiro contacto com os espíritos se deu em fins de 1945. O pós-guerra enchia os corações de esperanças na ansia incontida de se viver durante longos anos em um mundo de Paz e de Liberdade.

Terminava então o meu curso médico na vetusta Faculdade Nacional de Medicina, da Praia Vermelha. Levado por uma colega — a quem tencionava desposar — estive em um centro pelos arrabaldes de Niterói, quase São Gonçalo. Uma preta medunizada desiludiu-me de ter Marciana como minha esposa. A colega teria um fim doloroso em acidente ferroviário. Quanto a mim, profetizou-me um futuro tão brilhante quanto desejasse caso me desdobrasse na carreira escolhida.

Devo esclarecer que fizera Medicina apenas para satisfazer aos apelos de meu pai, riquíssimo cafeicultor de São Paulo. Meu desejo era o de poder passear, o de viajar pelo mundo inteiro, conhecer a Europa, a América, o Oriente... Não me agradaria ficar dando plantão no pronto-socorro de um hospital. Tampouco atender uma clientela avitaminótica em uma cidade mirrada do interior...

É claro que a princípio não dei maiores atenções ao que profetizara aquela desconhecida, embora revelasse ela na ocasião detalhes pormenorizados de meu prérito de aventuras sentimentais no Rio de Janeiro. O certo é que cheguei a ficar noivo de Marciana.

Em 1947, seguindo viagem para Minas Gerais a ver parentes, Marciana realmente morreu em um desastre de trem pondo-me quase louco de dor desesperada. Meu sofrimento só teve fim quando, ingressando na vida comercial, abandonei a carreira médica e, de fato, consegui concretizar o meu maior desejo, o de poder passear, o de viajar por diversos países da América, da Europa e da Ásia fazendo negócios e mais negócios para a firma de que me fizera representante credenciado, com isso auferindo também muito dinheiro e prestígio social.

1957 — Certa noite tive um sonho muito esquisito.

Estava em um hotel da linda capital canadense quando, adormecido, fui como que transportado a um amplo hospital, muito bem equipado, construção simples mas vigorosa, onde apenas se cuidava de crianças. Havia umas frondosas árvores em derredor sob as quais bandos de crianças se banhavam ao esplêndido sol de linda manhã ante o olhar vigilante de enfermeiras e algumas médicas. Não vi um só homem zelando pelas crianças. Eram apenas mocinhas e senhoras, tôdas sorridentes, muito simpáticas, como que entremostrando o prazer que sentiam no desempenho de suas atividades.

Qual não foi a minha surpresa quando encontrei Marciana na qualidade de médica dedicada amparando uma linda criança morena, uma garotinha para ser mais exato, de seus dez anos, muito delgada, pálida, em um terrível acesso de tosse.

Corri para ambas e, fortemente emocionado, abracei a querida, morta já fazia dez anos. Dizia-me ela que estava em um hospital da erradicidade dando o melhor de si para amparar os Espíritos que ali chegavam carentes de auxílio amoroso. Na despedida, Marciana pediu-me que na Terra, em qualquer país, o Brasil ou outro qualquer, com o

dinheiro que possuía (o velho morrera e me deixara uma herança simplesmente enorme) — fundasse um hospital para crianças desvalidas que isso me redimiria do fato egoístico de ter abandonado a carreira médica apenas desejoso de enriquecer ainda mais passeando pelo mundo inteiro à cata de prestígio pessoal.

Claro que não dei atenção ao sonho. Nem creio que você agiria de outra maneira. O sonho que tive era apenas o fruto da saudade que sempre tivera da noiva embora antes e depois dela conhecesse outras mulheres mas sempre sem maiores compromissos. Que hospital, coisa nenhuma... Crianças desvalidas... Ora, ora... Que o Governo de cada país as ajude... O que desejava, já disse e repito, era poder viajar, passear muito, ter mais dinheiro ainda... O resto — que os outros se arrumassem como eu estava me arrumando. Nada mais lógico a meu ver, certo?

1967 — Vinte anos após a morte de Marciana estava em meu Mercedes, zero quilômetro, desenvolvendo alta velocidade pela Estrada de Santos, Ia ao encontro de Regina, uma linda jovem que conheci numa festa social na melhor sociedade de São Paulo. Desquillada do marido, famoso industrial de Santa Catarina, acho que vou casar-me com ela mesmo no Uruguai. Mas agora deveria correr porque ela me espera numa casa que possuo em Santos... Não sei, porém, o que aconteceu... Acho que o coração negou fogo. Sofreu um coicpso... Sei lá... Deve ter sido isso. O certo é que o carro se desgovernou, foi de encontro a uma árvore espatifando-se e rematando o Dr. Bulhões que lhes está falando para o outro lado da vida.

1970 — Padei horrores desde que cheguei aqui... Agora é que vejo o tempo perdido. Ainda há pouco recebi a visita de Marciana. Como a pobrezinha chorou ao ver o meu estado. Sofri dores indescritíveis pelo corpo todo. Mas o que me traz alguma esperança é saber que Marciana vai ver se providencia um novo corpo para mim. Parece que vou mesmo nascer filho de uma pobre lavadeira com um pintor dado ao vício de beber em uma favela carioca.

Ah... Se eu tornar a nascer... Deus queira...

Vocês vão ver só... Nem que me seja preciso passar fome mas tornarei a fazer o curso médico... Ainda hei de construir um hospital para as crianças desvalidas.

Narrador — Ditas estas palavras, o Espírito do Dr. Bulhões caiu no mais doloroso pranto convidando tantos quantos o ouviram a profundas meditações.

SEMANA ESPÍRITA EM SÃO ROQUE

Realizou-se, na cidade de S. Roque, nos dias 25 de setembro a 3 de outubro, mais uma de suas Semanas Espíritas, promovidas pela União Municipal Espírita de S. Roque e Mairinque.

As palestras tiveram lugar na sede do Centro Espírita «Luz da Verdade», à Avenida 3 de Maio, 204, tendo sido oradores os confrades: Roque Jacintho, Dr. Walter Radamés Accorsi, Prof. Eliseu Rigonatti, Natalino D'Olive, Paulo Alves de Godoy, Dr. Ary Lex, Prof. J. Herculanio Pires, J. J. Cabrera e Dr. José de Freitas Nobre

«Como instrução prática, pois o nosso trabalho se dirige não só aos médiums, mas, também, a todos os interessados em ver e observar os fenômenos espíritas.» — Kardec.

«O Livro dos Médiums», introdução

O progresso moral avança, na proporção que se lhe descortina o campo da espiritualidade.

Coube ao Espiritismo a gloriosa missão de provar a existência da alma e, oferecer instruções eficientes para o intercâmbio com os espíritos.

A Codificação Kardequiana, oferece «O Livro dos Médiums», «a todos os interessados em ver e observar os fenômenos espíritas», que probam a existência da alma, e que o Espírito conserva a sua individualidade e a sua personalidade após a morte do corpo, e comunica-se com os homens.

Notemos, «em ver e observar», porque, «os fenômenos espíritas repousam sobre a ação de inteligências que têm vontade própria e que a todo o instante provam que se não subordinam ao nosso capricho».

Destacamos que, há mais de um século, os fenômenos espíritas se repetem do mesmo modo, e sempre do mesmo modo como é ensinado por Allan Kardec.

Portanto, a exatidão destas «instruções práticas», estão confirmadas por mais de um século de experiências, realizadas por milhões

de pessoas de tôdas as partes do mundo, que verificaram por si mesmo, a veracidade do ensino espírita. E ainda hoje, ou para o século vindouro, a sua exatidão é inalterável, porque o ensino espírita está fundamentado nas leis naturais, e estas, são imutáveis.

O Codificador é claro e preciso, franco e leal, porque se dirige aos «interessados em ver e observar» para instruírem-se. Não pretende forçar a abrir os olhos e levar aos estudos, os que regam sistematicamente por defenderem os seus pontos de vista.

Os que pesquisam incessantemente a verdade, estudam a Codificação Kardequiana. Os que defendem encarnicamente os seus sistemas, acobertam-se com improvisadas teorias fantasiosas.

Tomemos para exemplo as doutrinas materialistas, em um estudo comparado com o Espiritismo, terão que render-se à evidência; de que o materialismo se baseia na ficção científica. Ai, o refugiamento-se nas complicadas teorias engendradas para defesa dos seus sistemas.

Há mais de um século, que os fenômenos espíritas são vistos e observados por milhões de pessoas de tôdas as partes do mundo, e se fazem sempre do mesmo modo, conforme as instruções práticas de «O Livro dos Médiums». Que se encontra à disposição dos que desejarem hoje, ou em qualquer época, «ver e observar os fenômenos espíritas».

Apêlo à Mocidade Espírita-Cristã

Mocidade, o Espiritismo — Mensagem de luz ao povo — Descortina um mundo novo, Guardado na tua mão. Combate as sombras do abismo, Exalça o amor que te eleva, Desata os grilhões de treva, Da moderna escravidão.

Ausculda o horror do orbe aflito! Nos campos de toda a Terra, Vagueia o dragão da guerra Em tremenda saturnal... Vem das angústias do Egito, Dos tormentos da Caldeia Empanando o sol da Ideia, Brandando clava infernal.

Ergueu sobre a Assíria forte O chamejante estandarte, Espalhando em toda a parte Incêndio devastador. Trouxe à Pérsia — ruína e morte, Da Grécia — extinguiu a vida, Deixando Roma caída Num lago de sangue e dor.

Mas, além do monstro hirsuto Que nos recorda a caverna, A ignorância governa Prostitutos e canhões. A preguiça vive em luto, Ódio torvo prevalece Nos males de toda espécie, Enlouquecendo milhões.

Negro vício multiforme Que de púrpura se veste, Atormenta, mais que a peste, Mendigos, ministros, reis... Mas a verdade não dorme E abrindo sulco profundo, Desdobrará sobre o mundo Novos tempos, novas leis.

Juventude, a nova era Já respinde no horizonte, Move os braços, ergue a fronte No serviço varonil... Ama, crê, trabalha e espera, Proclama a fé que te invade, Cantando a Fraternidade Ao claro céu do Brasil.

Soldados do Cristo augusto, Terceiros armas da crença, Detendo por recompensa O divino dom de amar. O Salvador, brando e justo, Para as glórias do porvir, Elege a senha — servir! E manda a vida — Marchar.

Sigamos, vanguarda afora, De coração descoberto, Contemplando de mais perto A Fonte da Eterna Luz, Acendamos nova aurora. Na noite que envolve o Templo, Seguindo o sublime exemplo Do Mestre Sábio da Cruz.

Combatem ao nosso lado, Sem fuzis conquistadores, Espíritos benfeitores Buscando a paz de amanhã... Ei-los! — voltam do passado! São mil gênios sobre-humanos, Choraram trezentos anos, Nos circos da fé cristã.

Trazem fúlgidas bandeiras, Entoaem hinos felizes, Bendizendo cicatrizes — Santificados heróis!... Atravessaram fogueiras, Serviram a Deus, de rastros, Volvem, hoje, de outros astros, — Sóis brilhando noutros sóis!

Mocidade, o Espiritismo — Mensagem de luz ao povo — Descortina um mundo novo Guardado na tua mão. Combate as sombras do abismo, Exalça o amor que te eleva, Desata os grilhões de treva, Da moderna escravidão

CASTRO ALVES

Médium: Francisco Cândido Xavier

(Extraído do livro «Correio Fraternal», 1.a edição, páginas 13 e 15, por G. O. Garcia).

PROBLEMAS ATUAIS

CRISTOVAM MARQUES PESSOA

O «slogan» do momento, parece que lançado pelo Governo é construir. Em verdade, dado o aumento da população, não somente brasileira, mas mundial, há necessidade de urgente e séria providência em produzir e construir mais, a fim de melhorar as condições de vida de todos nós.

Em face do que, tem-se visto o nascimento de cidades inteiramente modernas, com moradias, cujo requinte de conforto jamais fora sonhado pelos potentados dos tempos áureos das antigas civilizações. O que era considerado maravilha no passado, não tem mais valor expressivo nos tempos presentes.

Estradas modernas atravessando continentes, rasgando florestas, transportando caudalosos rios, pondo em relêvo a capacidade da moderna engenharia; navios monstruosos; aviões supersônicos; colossais aeroportos; fábricas gigantescas. Tudo isso é o mundo novo de viagens cósmica, televisada.

Outra recomendação governamental — «plante que o Governo garante» — embora dependendo do fator clima, qualidade do terreno, sementes, maquinaria, financiamento etc., os nossos matutos, mesmo atacados de verminose e outras enfermidades, têm dado conta do recado. São uns bravos.

Noutros setores, embora não haja ordem para isso, a movimentação tem sido espetacular. O entusiasmo da Bolsa de Valores vem surpreendendo os próprios donos do dinheiro. As loterias têm transtornado a cabeça de muita gente que jamais pensou em jogo. Mas enquanto uns ficam milionários do dia para a noite, outros mais pobres se tornam. Regiões no auge da riqueza, outras na mais feia pobreza. São problemas do nosso mundo.

Mas há outros não menos graves. Antigamente era um grande escândalo a sedução de uma menor. Hoje, os jornais dizem que 35% das jovens inglesas de menos de 20 anos de idade já casam grávidas. Isso sem contar as que não se casam. E o que se passa na Suécia, Dinamarca e outros países que também têm tido manchetes nos jornais, não convém fazermos menção.

No Brasil, estão adotando a chamada educação sexual, talvez para tentar reduzir o número de escândalos. Quer dizer: ensinar como praticar o ato sem resultar em gravidez e outras coisas.

No mínimo, essas aulas fazem despertar na mocidade o desejo, o instinto que se achava adormecido. Já não bastam os filmes cinematográficos e as novelas indecentes. Agora são as aulas nos colégios etc.

Depois, para atender à procura dos que fizeram os cursos, dos que tiveram o instinto despertado, abrem-se buates, escondidinhos, inferninhos, em lugares os mais distantes do centro da cidade e os mocinhos e mocinhas, quase todos dispostos de automóveis próprios, vão verificar se de fato aprenderam o que lhes fora ensinado. Fazer ou incentivar turismo ou pertencer à alta sociedade, é a desculpa.

Tive um professor que costumava dizer: se o aluno não aprendeu foi porque não lhe ensinaram; se o professor tem capacidade e ensina, até os alunos mentalmente retardados aprendem.

E muitos professores dessas aulas de suposta educação sexual sabem ensinar, de fato. O resultado está à vista.

Os jovens espíritas não devem ir nessa onda de água turva; procurem afastar-se desse clima envenenado.

Ouvi, certa vez, um sacerdote sãbiamente dizer: mesmo os que se julgam «vacinados» contra a desonestidade, devem contornar o covil dos ladrões, porque o poder de sedução do ouro é muito grande.

o o o

Sim, é tempo de plantar, construir, produzir mais. Sempre foi tempo de tudo isso. Mas também é imperiosa a necessidade de educar. Não essa falsa educação sexual, que vemos anunciada aqui e ali, mas educar verdadeiramente, encorajando os jovens de ambos os sexos na formação do caráter, a fim de que o remorso não lhes perturbe a velhice, já de si incida de sofrimentos vários. Há necessidade de que os jovens estejam prevenidos contra as ciladas do materialismo anarquista.

Perdoarás

Perdoarás, mas perdoarás compreendendo que o perdão não te coloca na galeria de virtudes especiais, diante daquele a quem hajás brinado com a tua benevolência.

Perdoarás, reconhecendo que poderias estar no lugar dele.

Examinarás todo o acervo de sentimentos e pensamentos, impulso e ações que te definem a personalidade e perguntarás a ti mesmo, sem qualquer subterfúgio, como agirias na posição do ofensor, no momento psicológico em que ele caiu.

Ouvirás a consciência sem fugir-lhe às anotações e perceberás, para logo, que é forçoso sanar o erro, entretanto, observarás claramente, que ninguém encontra o clima da compaixão sem a luz do entendimento.

A face disso, quando alguém te apedreje, detém-te por alguns instantes, a fim de enxergar o ocorrido. Alguém já disse que de dez partes do ato de ver nove delas se processam fora dos olhos físicos, nas profundezas da mente. Através da meditação, ser-te-á possível verificar o agravo

como sendo um espinho de raízes envenenadas, infelicitando muito mais o agressor do que a vítima. Divisarás, desse modo, naquele que te desconsidera ou injúria o prejuízo da ignorância, a inibição da enfermidade, o complexo da angústia ou a cegueira da obsessão. Feito isso, destacarás, facilmente, não a tua suposta superioridade, diante dele, mas sim distinguirás tuas vantagens, com as oportunidades de refletir e de auxiliar que o irmão menos feliz, de muito tempo até agora não terá conhecido.

Em verdade, nem sempre nas lesões que venham a ocorrer, na esfera do espírito, conseguirás agir a sós, no plano da condescendência absoluta, de vez que existem as postergações de preceitos que não se correlacionam apenas contigo mas também com as obrigações da justiça, à frente de todos. Mesmo nessas circunstâncias, perdoarás de ti próprio, esquecendo todo mal, recordando que carregas contigo as próprias fragilidades. E ainda quando o agravo se

Repercussão da entrevista de Francisco Cândido Xavier no "Pinga-Fogo"

Durante a reunião plenária do dia 10 de agosto último, o Deputado Agenor Lino de Mattos, ocupou a tribuna para fazer considerações elogáveis à entrevista de Francisco Cândido Xavier à Televisão Tupi, no dia 28-7-71, tendo apresentado dois requerimentos, abaixo transcritos, e que bem podem traduzir a grande repercussão da referida entrevista em todas as camadas da população. Eis o que publicou o «Diário Oficial» de 14-8-71:

O sr. Agenor de Mattos — Sr. Presidente, Srs. deputados, os meus agradecimentos ao nobre líder da Arena, pelos 5 minutos de tempo que me cede. Obrigado a S. Exa.

Sr. Presidente, estou encaminhando à digna Mesa dois requerimentos, sendo o primeiro nos seguintes termos:

(Lê) — Requerimento

Requeremos, nos termos regimentais, a inserção nos Anais desta Casa da entrevista concedida por Francisco Cândido Xavier à Televisão Tupi — Canal 4, São Paulo, no dia 28 de julho próximo passado e transcrita na edição do «Diário de São Paulo» de domingo, 8 de agosto último.

Justificação

A entrevista de Francisco Cândido Xavier teve uma repercussão inegável e tornou-se assunto de comentários de todos, pela qualidade de que se revestiu. A sua inserção nos Anais desta Casa nada mais é do que devida homenagem a essa pessoa, que nos encantou com sua palavra fácil e benéficas.

O outro requerimento está elaborado nos seguintes termos:

(Lê) — Requerimento

Requeremos, nos termos regimentais, seja consignado nos Anais desta Casa um voto de louvor à equipe produtora do programa «Pinga-Fogo» da Televisão Tupi São Paulo, e a Francisco Cândido Xavier, pelos momentos que nos proporcionaram no dia 28 de julho próximo passado, quando da realização de uma entrevista por este concedida.

Justificativa

Assistimos, extasiados, ao programa «Pinga-Fogo» do dia 28 de julho último, pela Televisão Tupi, e sentimos quão importante é esse invento quando dirigido no bom sentido. Há necessidade de serem produzidos mais programas dessa natureza, que servem de lenitivo ao nosso espírito e trazem paz e compreensão entre os homens. Daí louvamos a feliz iniciativa do Canal 4, sua produção e o ilustre entrevistado, Francisco Cândido Xavier.

Sr. Presidente, nobres Srs. deputados, queremos nos congratular com a Televisão Tupi Canal 4, São Paulo, e com a equipe responsável pela produção do programa «Pinga-Fogo», por ocasião da brilhante entrevista feita com Francisco Cândido Xavier, há poucos dias.

A escolha de seu nome para participar daquele programa foi a das mais felizes, proporcionando a toda a

caracterize por feição complexa, separando-te provisoriamente daqueles que te feriram, podes atender à ligação de Jesus, auxiliando a cada um deles com a bênção da prece, porque, em nos referindo aos domínios da alma, em qualquer lugar, a oração é a presença do coração.

EMMANUEL

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

população paulista e paulistana, e sabemos agora, a todo o Brasil, momento de paz, amor e compreensão.

Pela maravilha que extasiaram a todos, são estes momentos que emocionam a todos, que a televisão brasileira, seguindo o exemplo da Televisão Tupi, deve oferecer aos milhões de telespectadores, para que possam todos sentir, pela imagem televisada, o carinho, a sinceridade, a cultura, a humildade de um homem, revestido de seus indispensáveis dons medúnicos.

A serenidade de sua palavra, o seu candente e ao mesmo tempo suave verbo, a autenticidade do vernáculo, constituíram, através de Francisco, o nosso Chico Xavier, uma beleza espiritual e um contato próximo com Deus.

A sinceridade nas respostas, a humildade nas atitudes e a compreensão para com seu próximo, formaram de Chico Xavier, que muitos não conheciam, uma figura inesquecível e que se tornou comentário de todos.

Bendita lembrança dos organizadores do programa, e não tenham dúvidas que ela calou fundo no coração e no espírito dos brasileiros.

Não pretendemos tirar outro proveito dessa agradável ocasião, a não ser aquele que, realmente, nos sensibilizou. E o da paz espiritual, é o encontro com o Criador, no reconhecimento de Sua inesgotável misericórdia para conosco, de Sua inefável bondade para com Seus filhos, de Sua indescrevível mas sentida presença ao nosso lado.

O programa foi todo amor, toda pureza, toda humildade, todo verdade, toda cultura, todo espírito.

Recebam, pois, os nossos parabéns sinceros e espontâneos. Continuem nessa jornada exemplar.

E a você, Chico Xavier, permita-me que assim o trate e assim o chame, o agradecimento pequeno mas verdadeiro deste seu irmão, e que sua missão terrena produza sempre os melhores efeitos, para que tenhamos um mundo feliz, de paz e compreensão.

Meu Deus, obrigado.

NA CÂMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRÊTO

Através do requerimento número 2285/70, a Câmara Municipal de Ribeirão Preto, congratula-se com o médium Francisco Cândido Xavier pela brilhante mensagem dirigida ao povo brasileiro em sua entrevista no Canal 4.

O requerimento em apêço pede que, na forma regimental, sejam inseridos em ata de seus trabalhos, votos de congratulações com o médium Francisco Cândido Xavier, não só em nome da comunidade espírita como também de todo o povo de Ribeirão Preto, pela brilhante entrevista concedida e pela sãbia mensagem lançada, e transmitindo-lhe o desejo da Etilidade de que seja ele figura constante na obra incansável de pregar o amor entre os povos, acima de tudo.

A Voz da Mansuetude

Na atual conjuntura intelectual do planeta e considerando-se o clima de rebeldia que irrompe virulento por toda a parte, a resignação para os aficionados da violência e do prazer, é manifestação patológica que tipifica as personalidades anômalas.

Diante do conceito disparatado e frágil, muitos se auto-affirmam pelos desmandos, quando convidados às paisagens da reflexão, pelo sofrimento, gerando males muito mais danosos do que aqueles dos quais pretendem fugir.

Porque os seus planos colimam resultados diversos ao que aguardavam atiram-se ao desalento, quando não partem para as reações abastardantes da crueldade ou do cinismo.

Se as enfermidades chegam, exacerbam-se, bandeando para a revolta, intoxicando-se interiormente com as emanções venenosas do inconformismo.

Quando os insucessos lhes drenam as ambições desmedidas desgarram-se para os «sonhos róseos» dos estupefacientes e barbitúricos.

Diante das necessárias provocações que os colocariam nas corretas engrenagens da máquina da vida vituperam, ferozes, e se destroçam nos abusos do sexo e do álcool, em dissipações inomináveis a que se arrojam.

Suas resistências são tôdas comandadas pelos impulsos da ira ou da insatisfação, distantes das reações construtivas da inteligência que discerne, lógica e produz.

A resignação para eles é covardia moral, no entanto fogem à realidade até que a desencarnação os surpreende tardiamente com as realidades verdadeiras da vida, das quais se afastaram, encetando a partir daí longos períodos de sombra, dor e desassossego inimaginável.

—o—

Tu que ouviste a voz da mansuetude do Cristo e que te encorajaste face à grandeza da Sua vida, resigna-te, fortalecendo o ânimo, ante qualquer cometimento que te produza dor e que seja rotulado como desgraça ou infortúnio.

Nada ocorre por capricho pernicioso da vida.

Recebemos conforme damos, assim como colhemos consoante a qualidade dos grãos que ensementamos.

Resignação significa coragem e força na voragem do desespero. Somente os cristãos autênticos e os homens possuidores de elevados ideais se fazem capazes de resignar-se quando o desalento e a alucinação já se apossaram de outros seres.

Os que se encastelam nas chaticas e nos desvãos da anarquia, dizendo-se superiores, são meninos medrincas, que não dispõem de energias para se reorganizarem e prosseguirem na atitude reta.

Se te convidam ao revide — resigna-te e ora.

Se te convocam ao ódio — resigna-te e confia.

Se te afrontam com agressões — resigna-te e agradece a Deus.

Os dias sempre e inevitavelmente se sucedem para bons e maus, e ninguém se eximirá jamais ao amanhã que a todos alcança, refletindo na claridade forte e pujante do tempo a manifestação — resposta dos nossos atos nas mesmas expressões com que desde hoje as produzimos.

Resignação, também, é vida, e vida abundante, na direção da vida eterna.

Joanna de Angelis
(Médiuns: Divaldo P. Franco).

O GUIA

IRMAO X

Necessitando melhorar conhecimentos de orientação, acompanhei um dia de serviço do guardião Aurelino Piva, Espírito amigo que desempenha a função de guia comum da senhora Sinésia Camerino, dama culta e distinta, domiciliada em elegante setor do mundo paulista.

Cabia-me aprender como ajudar alguém, individualmente, na posição de desencarnado. Auxiliar em esforço anônimo, exercer o amor silencioso e desconhecido.

Cheguei cedo à residência, cujo pequeno jardim a primavera aformoseava. Quatro horas da manhã, justamente quando Aurelino preparava as forças de sua protegida para o dia nascente. Trabalho de humildade e devotamento.

Na véspera, d. Sinésia não estivera tão sóbria ao jantar. Excedera-se em quitutes e licores, mas o amigo espiritual erguia-se em piedosa sentinela e, antes que a senhora reabrisse os olhos no corpo, aplicava-lhe passes de reajuste.

— E' preciso que nossa irmã desperte tão hígida quanto possível — explicou-me.

E sorrindo:

— Um dia tranqüilo no corpo físico é uma bênção que devemos enriquecer de harmonia e esperança.

Depois de complicada operação magnética, observei que a tutelada se dispunha a movimentar-se, e esperei.

Seis horas da manhã.

Aurelino formulou uma prece, rogando ao Senhor lhe abençoasse a nossa oportunidade de trabalho e tive a idéia de tornar a escutar-lhe as palavras confortadoras: «um dia tranqüilo no corpo físico é uma bênção...»

A senhora acordou e o benfeitor espiritual postou-se ao lado dela, à feição de pai amoroso, falando-lhe dos recursos imensos da vida que estava lá fora, como a buscar-lhe o coração para o serviço com alegria. Dona Sinésia ouvia em pensamento e, qual se dialogasse consigo mesma, recusava a mensagem de otimismo e respondeu às benéficas sugestões, resmungando: «dia aborrecido, tempo sem graça...» Nisso, dois meninos altercaram, lá dentro, com a empregada. Bate-boca em família. Dona Sinésia não se mexeu. Sabia que os dois filhos manhosos nada queriam com estudo, nem suportavam qualquer disciplina, mas não deu bola. Aurelino, porém, correu à copa e eu o acompanhei. O amigo desencarnado apaziguou as crianças e acalmou a servidora da casa, à custa de apelos edificantes. Ajudou os pequenos a encontrarem os cadernos de exercícios escolares que haviam perdido e acompanhamo-los até o ônibus. De volta ao interior doméstico, chegou a vez de se amparar o espôso de D. Sinésia, que deixara o quarto sob grande acesso de tosse. Bronquite velha. Um guardião espiritual, ligado a ele, auxiliava-o, presto; no entanto, Aurelino pensou na tranqüilidade de sua protegida e entregou-se à ta-

refa de colaboração socorrista. Passes, insuflações. O chefe da família estava nervoso, abatido. Aurelino não repousou enquanto não lhe viu o espírito asserenado, diante da empregada, a quem auxiliou de novo, a fim de que o café com leite fosse servido com carinho e limpeza. Logo após, demandou o grande aposento em que iniciáramos a tarefa, rogando a d. Sinésia viesse à copa abençoar o marido com um sorriso de confiança. A dama escutou o convite suplicante, através da intuição, mas ficou absolutamente parada sob os lençóis, e, ouvindo o espôso a pigarrear, na saída, comentou intimamente: «não vou com asma, estou farta».

Sete horas. Aurelino estugou o passo a fim de sustentar o sr. Camerino, na travessia da rua. Explicou-me que d. Sinésia precisava de paz e, em razão disso, devia ajudá-lo o marido com as melhores possibilidades de que dispunha. E, atencioso, deu a ele, na espera da condução, idéias de tolerância e caridade, bom ânimo e fé viva para compreender as suas dificuldades de contador da firma a que se vinculava.

Regressamos à casa. D. Sinésia em descanso. Oito horas, quando se levantou. Aurelino sugeriu-lhe o desejo de tomar água pura e informou-me de que se esmerava em defendê-la contra intoxicações. Magnetizou o líquido simples, dotando-o de qualidades terapêuticas especiais e... continuaram serviços e preocupações. Trabalho de proteção para d. Sinésia, em múltiplas circunstâncias pequeninas suscetíveis de gerar grandes males; apoio à empregada de d. Sinésia, para que não falhassem minudências na harmonia do lar; remoção de obstáculos a fim de que contratempos não viessem perturbar a calma de D. Sinésia; socorro incessante às crianças de d. Sinésia, ao retornarem da escola; cooperação indireta para que d. Sinésia escolhesse os pratos capazes de lhe assegurarem a necessária euforia orgânica; inspirações adequadas de modo a que d. Sinésia encontrasse boas leituras; amparo constante ao sr. Camerino, tanto quanto possível, a fim de que d. Sinésia não se afligisse...

Entim, d. Sinésia, sem a obrigação de ser agradecida, já que não identificava os benefícios contínuos que recebia, teve um dia admirável, enquanto Aurelino e eu estávamos realmente estafados, não obstante a nossa condição de Espíritos sem corpo físico.

A noite, porém, justamente quando Aurelino se sentou ao meu lado para dois dedos de prosa, d. Sinésia, desatenta, feriu o polegar da mão esquerda com a agulha que manejava para enfeitar um vestido.

Bastou isso e a senhora desman-dou-se aos gritos:

— Oh! meu Deus! meu Deus!... ninguém me ajuda! Vivo sózinha, desamparada!... Não há mulher mais infeliz do que eu!...

Positivamente assombrado, espiei Aurelino, que se mantinha imperturbável, e observei:

— Que reação é esta, meu amigo? D. Sinésia recolheu socorro e bênçãos durante o dia inteiro!... como justificar este ataque de cólera por picadela sem importância nenhuma?!

Aurelino, entretanto, sorriu e falou paciente:

— Acalme-se, meu caro. Auxiliemos nossa irmã a reequilibrar-se. Esta irritação não há de ser nada. Ela também, mais tarde, vai desencarnar como nós, e será guia...

..(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier)...

Sinais de Alarme

Há dez sinais vermelhos, no caminho da experiência, indicando queda provável na obsessão

1. quando entramos na faixa da impaciência;
2. quando acreditamos que a nossa dor é a maior;
3. quando passamos a ver ingratitude nos amigos;
4. quando imaginamos maldade nas atitudes dos companheiros;
5. quando comentamos o lado menos feliz dessa ou daquela pessoa;
6. quando reclamamos aprêgo e reconhecimento;
7. quando supomos que o nosso trabalho está sendo excessivo;
8. quando passamos o dia a exigir esforço alheio, sem prestar o mais leve serviço;
9. quando pretendemos fugir de nós mesmos, através do álcool ou do entorpecente;
10. quando julgamos que o dever é apenas dos outros.

Tôda vez que um desses sinais venha a surgir no trânsito de nossas idéias, a Lei Divina está presente, recomendando-nos a prudência de amparar-nos no socorro da prece ou na luz do discernimento.

Scheilla.

(Médium Francisco Cândido Xavier)

2.ª Semana Dr. Bezerra de Menezes, em São Caetano do Sul

Realizou-se de 26 a 29 de agosto último, na cidade de S. Caetano do Sul, SP, à rua Floriano Peixoto, 478, sede da Fraternidade Espírita Cristã, a 2.ª Semana Dr. Bezerra de Menezes, com palestras de Paulo Alves de Godoy e Dr. Rino Curti.

No dia 29, data na qual se comemorou o 140.º aniversário de nascimento do Dr. Bezerra de Menezes, foi feita uma distribuição extraordinária de gêneros de primeira necessidade e também a distribuição de 1.000 mensagens espíritas psicografadas por Francisco Cândido Xavier, o que foi feito de casa em casa.

O Transplante, a Lei e o Espiritismo

(Continuação do número anterior)

FREITAS NOBRE

I — TRANSPLANTE COM DOADOR VIVO

O transplante de órgãos e, mais particularmente, o de coração, não apenas impõe o exame dos transcendentais aspectos filosóficos do Direito, como também uma necessária especulação sociológica.

Mas, as preocupações em torno do aspecto médico-legal do problema e do homicídio culposo, obrigaram os estudiosos a pensar na morte real e na morte aparente, e a necessária certeza de uma distinção entre elas.

Jean Lermithé, membro da Academia de Medicina da França e autor de importantes trabalhos de estudo e pesquisa sobre os fenômenos de curas, dos tempos bíblicos à era contemporânea, no livro intitulado "Le Probleme des Miracles", distinguiu a morte real da morte aparente, lembrando que nesta última as condições orgânicas estão perfeitas, não havendo qualquer destruição do tecido, de tal forma que, restabelecido o equilíbrio e a atividade da peça nobre, a vida retornava normal ao corpo aparentemente morto.

O assunto é preocupação de muitos séculos.

Bauer refere, mesmo, o caso de um "milagre" atribuído a Cosme e Damião ("Der Chirurg", junho, 1967) segundo um quadro pintado aproximadamente em 1500 e proveniente do Convento dos Franciscanos de Guadalajara. Tratava-se de uma amputação da perna gangrenada de um doméstico e sua substituição pela de um negro recém-morto.

Igualmente, um baixo-relevo de Pádova, de Donatello, apresenta Santo Antônio reimplantando o pé de um homem, mutilado por ele próprio, num ato de deséperia após haver brutalizado a própria mãe.

Na França, a morte deve ser constatada para efeito dos transplantes (artigo 27 do decreto de 31-12-1941, com suas modificações) por dois médicos através de um processo-verbal, anotado num registro especial, através do qual se indique dia e hora, os motivos da intervenção e os métodos a serem utilizados, desde que reconhecidos oficialmente pelo Ministério da Saúde.

Para superar o prazo longo exigido pela lei, o que tornaria inócua a tentativa de transplante, exclui a legislação francesa a rigidez formal, desde que as intervenções sejam feitas em estabelecimentos hospitalares filiados ao organismo da previdência social e que sua necessidade seja indiscutível (Decreto de 20 de outubro de 1947).

Com esse objetivo, o Ministério da Saúde, na França, dirigiu uma circular, em 1948, reforçada por outra de 19 de setembro de 1958, a todas as autoridades encarregadas da fiscalização e obediência das referidas normas, recomendando duas cautelas para a constatação da morte.

A primeira delas, a arteriectomia ou a sangria, nas mesmas condições em que é feita para o tratamento das embolias, ou seja, a resecção de um segmento arterial, pois em caso de morte, o sangue não corre com a sangria.

A segunda, ou seja, o método d'Icard que possibilita confirmar a morte através da coloração que se produz em determinada mucosa que protege a parede interna da pápebra, após uma injeção na veia preparada para o teste.

Também tem sido usado, como teste, o da injeção subcutânea de eter, pois no cadáver ele não se dispersa através do tecido.

A estes testes, exigidos em 1958, acrescenta-se, posteriormente, o exame eletroencefalográfico, acusando a ausência de atividade dos centros nervosos superiores, através de um traçado linear, e o eletrocardiográfico, mas, especialmente, para os casos em que fornecedor e receptor gravitam numa substituição de coração, a atenção dos juristas tem que se voltar inevitavelmente para a fixação ainda mais segura do instante em que se faz o deslance.

Mas, o conceito de morte sofre alterações constantes.

Dia a dia, verificam os pesquisadores que o limite da morte física ainda é passível de nova e mais segura verificação.

E' que, exatamente, a ciência faz por ignorar a existência do perispírito — ténue envoltura dos órgãos e do corpo humano.

Assim, de início, julga-se que alguém estava morto quando o coração parava.

Depois, com os estímulos mecânicos, julgou-se que a morte estaria comprovada quando esses recursos resultassem ineficazes.

A seguir esperou-se para a fixação do limite a reação a certos medicamentos específicos.

A própria parada respiratória constituiu-se em certa época como o limite reclamado para a constatação da morte, e a legendária história de "Branca de Neve" já apresentava o diagnóstico da morte com tal fundamento...

Todos esses conceitos, no entanto, foram sendo substituídos e mesmo os mais atuais terão que vir a ser reformulados.

Além disso, a morte biológica dos tecidos não se verifica simultaneamente, pois enquanto a falta de oxigênio destrói as células cerebrais em quatro minutos, as do fígado resistem quinze minutos e o coração, músculo que é, suporta de uma a uma hora e meia sem oxigenação.

O simpósio de Madrid sobre os Transplantes Cardíacos, realizado em julho do corrente ano de 1969 ("Fôlha de São Paulo", 26-7-69) concluiu que "a morte neurológica pode ser definida como um estado de silêncio total e irreversível das funções nervosas centrais."

A Sociedade Médica Mundial, reunida em Sidney, na Austrália ("Fôlha de São Paulo", 3-12-1968), declarou que a determinação do momento em que ocorre a morte é na maioria dos países, responsabilidade legal do médico e que assim deve continuar.

Ressaltou, nessa Declaração, que embora o médico seja capaz, sem assistência especial, de constatar que uma pessoa está morta, usando os critérios clássicos, no entanto, torna-se imperioso estudar a possibilidade de manter, por meios artificiais, a circulação de sangue oxigenado através de tecidos do corpo que podem ter sido irreversivelmente lesados, bem como a utilização de órgãos de cadáveres para transplante.

A dificuldade, porém, enfrentada pelos delegados da Associação Médica Mundial, em Sidney, é a mesma dos que estudam a matéria relativa aos transplantes, pois a complexidade do problema advém do fato de ser a morte um processo gradativo no que se refere às cé-

lulas, variando os tecidos na sua capacidade de resistir à falta de oxigênio.

O interesse científico, no entanto, não está, especialmente na resistência das células de um dos órgãos do corpo humano, mas nas suas condições gerais de resistência.

Por isso mesmo, ainda que adotando o recurso de eletroencefalograma, o critério não parecia satisfatório aos congressistas de Sidney, os quais entendiam que o julgamento do conjunto do médico seria mais seguro do que os exames isolados do paciente.

Com essa convicção entenderam que no caso dos transplantes, a sua

preocupação de realização imediata não deve empolgar os médicos que em número de dois ou mais devam concluir sobre a evidência ou não da morte.

A distinção deve fazer-se, assim, entre a morte parcial que se verifica isoladamente nos órgãos e a morte total ou plural.

Avança-se, cada dia, no exame das características necessárias à distinção entre a morte real e a morte aparente, porém, enquanto não se entender a constituição perispírita do homem, as definições e os conceitos serão passíveis de seguidas reformulações científicas e técnicas.

(Continúa no próximo número)

Notícias e Fatos

PENA DE MORTE — O Movimento Juvenil Espírita Argentino, adeso à Confederação Espírita Argentina, em memorial assinado por Alicia Castelnuovo (Secretária-Geral) e Eduardo Imartino (Presidente), e endereçado ao presidente da República, Tenente-General Alejandro Agustín Lanusse, manifesta a sua inquietude ante a nova implantação da Pena de Morte no Código Penal daquela nação. (Lei número 18.593-71).

A representação faz alusão à Codificação Kardequiana, que sustenta em seus princípios a vida eterna do Espírito e sua constante evolução através das vidas sucessivas.

Em sua parte final o memorial proclama: «A Doutrina Espírita, consequência e continuadora dos princípios do Cristianismo primitivo, reafirma o sábio conceito: «Não matarás, não atentarás contra a vida do teu próximo», princípio moral que ainda não se efetivou, não obstante o desenvolvimento intelectual alcançado no presente século».

AFRICA — O médium e tribuno espírita brasileiro Divaldo Pereira Franco encetou, no mês de agosto, uma visita ao continente africano, levando a mensagem espírita aos irmãos das Colônias Portuguesas e a diversas cidades da África do Sul.

Lo ENCONTRO DE DIRIGENTES DE CENTROS ESPÍRITAS DO ESTADO DA GUANABARA — Com o objetivo de implantar o Sistema Federativo Estadual e traçar um programa de ação comum, dentro dos princípios fundamentais da Codificação Kardequiana, a Liga Espírita do Estado da Guanabara convocou os dirigentes de Centros e Instituições Espíritas cariocas para reunirem-se nos dias 13, 14 e 15 de novembro próximo vindo em Niterói.

DECESSO DO DR. TULLIO DE SABÓIA CHAVES — Desencarnou a 1.º de julho último, aos 77 anos de idade, vítima de espasmo cerebral, nosso confrade Dr. Tullio de Sabóia Chaves. O sepultamento do seu corpo ocorreu no dia seguinte, às 16 horas, no Cemitério S. João Batista, na Guanabara.

O confrade em apreço, foi professor da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, onde também exerceu as funções de Presidente da Sociedade Brasileira de Filosofia e de Membro da Sociedade Brasileira de Geografia e do PEN Clube.

O Dr. Tullio de Sabóia Chaves foi autor de vários livros de caráter médico-científico e manteve no periódico «A Manhã», uma seção intitulada «Resenha Científica».

Foi espírita de renome, tendo exercido atividades de apreciável projeção no Instituto de Cultura Espírita do Brasil, onde atuava com raro brilhantismo.

V CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISTAS E ESCRITORES ESPÍRITAS — Já foi convocado esse importante certame. Sua realização será em Niterói (RJ), na última semana de março de 1972.

Para receber a Ficha de Inscrição e ler sua participação homologada, o candidato deverá escrever à Comissão Organizadora do CBJEE — Rua Princesa Isabel, 45, Caixa Postal, 191, Niterói (24000), R. J., e, pela volta do Correio receberá as instruções devidas.

RUA COM O NOME DE ZÉ ARIGÓ — A Câmara Municipal de Uberaba (MG), aprovou proposição de 2 de julho, apresentada e defendida pelo Vereador Dr. Israel José da Silva, no sentido de denominar-se Rua José Pedro de Freitas (Zé Arigó), à atual Rua 19, da Vila Santa Maria, onde se localizam a Cidade Universitária e o Uirapuru Iate Clube.

Vitoriosa a proposta do digno representante da Edilidade Uberabense, aguarda-se apenas que o sr. Prefeito Municipal lavre o competente decreto.

Duplo Caráter da Revelação Espírita

Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: — participar ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina provém do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrada a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres passivos, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as lições e aplicações. Numa palavra, o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem — («A Gênese»)



O Apóstolo dos Gentios

PAULO ALVES DE GODOY

«De boa vontade pois me gloriarei nas minhas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco então sou forte.» (II Cor. 12:9-10)

Paulo de Tarso mereceu o cognome de Apóstolo dos Gentios porque não se limitou a difundir o Evangelho apenas entre os homens de sua nação, levando os ensinamentos de Jesus Cristo a grande parte do mundo politeísta de então, inclusive às cidades de Atenas e Roma.

A sua pregação obedeceu a um roteiro orientado por Espíritos de ordem elevada, conforme se nos depara em Atos, 16:6-9, pois, desejando ir a uma extensa província situada ao longo das costas do mar negro, denominada Bitínia, foi impedido desse propósito pelo Espírito que o guiava, o qual encaminhou-o para Troas, onde outro Espírito lhe apareceu, rogando que passasse à Macedônia.

—oOo—

Não se pode jamais aquilatar do vulto da missão desempenhada por Paulo de Tarso apenas pelo que está relatado no livro dos Atos dos Apóstolos. A sua fulgurante missão transcende a qualquer descrição que se queira formular, porque não pode ser medida pelos resumidos episódios contidos naquele livro, escrito numa época quando os sistemas de comunicações eram dos mais precários.

Apesar de todo o esforço dispendido por Lucas, no sentido de coordenar os fatos comuns e as epístolas escritas pelo Apóstolo dos Gentios, não estava em sua cogitação a apresentação, com exagero, da figura de Paulo de Tarso. Sua narrativa, sucinta e modesta, ficou portanto muito aquém da realidade. A vida de Paulo de Tarso foi muito mais cheia de aventuras, de trabalhos e sofrimentos por Amor do Cristo.

O escôpo de Lucas foi descrever o que houve de mais original e característico em cada viagem missionária do apóstolo, deixando de se referir de modo mais extenso a tôdas as visitas repetidas que ele fez às mesmas localidades.

Vamos citar um exemplo: em sua Epístola aos Coríntios (II Cor. capítulo 11), Paulo enumerava várias tribulações pelas quais passou: sofreu cinco quarentena de açoites menos um, por parte dos Judeus, ou sejam 195 açoites; três vezes foi açoitado com varas, pelos romanos; uma vez foi apedrejado, três vezes passou pelas angústias de naufrágios, passou uma noite e um dia num abismo. No desenrolar de suas numerosas viagens missionárias passou por perigos de rios, de salteadores, sofreu a perseguição dos homens de sua nação e também dos gentios, perigo na cidade, no deserto, no mar e entre os falsos irmãos de crença. Passou fome, sede, frio, nudez e fadiga. Reiteradas vezes ficou em vigílias prolongadas.

A descrição de Lucas sobre essas peripécias é bastante resumida, apenas algumas delas são enumeradas, devendo-se, entretanto, atribuir isso às naturais dificuldades por ele encontradas em seu propósito de historiar a vida do Converso de Damasco.

—oOo—

A manifestação da Estrada de Damasco empolgou de tal modo o Espírito de Paulo, que ele não trepidou em enfrentar todos os obstáculos que se lhe deparavam, e jamais tergiversou diante de quaisquer ameaças, partidas de judeus ou de gentios.

Se Jesus Cristo desempenhou a sua missão no seio de povo de Israel, que havia sido adrede preparado durante longos séculos para recebê-lo em seu seio, Paulo deu continuidade ao processo revelacionista, fazendo-o no seio do povo judeu e dos demais povos politeístas, então chamados gentios, demonstrando que a Doutrina do Cristo tem sentido universal e jamais poderá sofrer limitações impostas por grupos ou pessoas.

—oOo—

Os obstáculos encontrados por Paulo de Tarso não se limitaram à resistência oferecida pelos homens de sua própria nação, ou pelos habitantes das muitas nações pelas quais viajou.

ENDEREÇO

PORTE PAGO — E.T.C. — D.R. — S.P.
NÃO SENDO ENCONTRADO O DESTINATÁRIO, DEVOLVER
PARA CAIXA POSTAL N.º 3.946 — SÃO PAULO — S.P.

Dr. Souza Prado UNIFICAÇÃO

Em Niterói (RJ), terminou seu ciclo de existência terrena esse dinâmico companheiro e escritor de renome nas lides espíritas. Devemos a esse ilustre companheiro a abnegação de homem liberto do preconceito, que enfrentou, em certo tempo, a intransigência de médicos e transmontanos no Rio de Janeiro, quando atacavam e procuravam ironizar o Espiritismo. Seus artigos e obras sempre receberam o fulgor de sua inteligência e a sedimentação do escritor livre e de bons costumes. Sua obra mais expressiva ficou contida naquele trabalho «Padres, Médicos e Espiritistas», Edição de 1933, uma resposta eloqüente aos cientistas e sacerdotes que atacavam a Doutrina Consoladora com mentiras e alvêis.

Muito bem equilibrado, sumamente justo e judicioso, Souza Prado, com sua vida dedicada à causa espírita do Brasil, escreveu com letras expressivas sua admirável posição de defensor desses ideais.

É mais um nome a merecer o respeito e avaliação por parte de algum biógrafo de nossa geração, que, certamente, há de pontificar sua extraordinária atuação como jornalista e escritor que se filiou à fileira dos intelectuais independentes e libertos. Ao seu espírito, pela nossas vibrações, que se casam às tantas que lhes são endereçadas, neste simples registro cronológico, nossa gratidão também pelo que fez em favor da Doutrina que nos firmava em Jesus Cristo.

(De «A Nova Era», de 31-8-1971).

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE
São Paulo - 3

ASSINATURA ANUAL

Brasil	Cr\$ 4,00
Exterior	Cr\$ 5,00
Número avulso	Cr\$ 0,30

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da USE e entidades unificadas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de ofício.

Composto e Impresso na GRAFICA EDITORA LINOTYPE — Rua Mem de Sá, 172 - Telefone: 32-4348 - S. Paulo

CENTRO ESPÍRITA "JOSÉ DE AGUIAR"

O Centro Espírita «José de Aguiar», sediado em Mogi das Cruzes, neste Estado, comemorou festivamente a data de 26 de setembro, transcurso do seu 16.º aniversário de fundação.

Houve esmerada parte artística, tendo o confrade Antônio Sabino dos Santos, presidente da instituição, discorrido em torno da vida e atividades daquela Casa de divulgação espírita.

O orador oficial foi o confrade Paulo Alves de Godoy.

Na mesma Epístola aos Coríntios (Capítulo 12), após descrever uma visão espiritual, afirma «para que não me exaltasse pela excelência das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber um mensageiro das trevas, para que me esbofetasse, pelo que tive que orar três vezes a Jesus para que aquela entidade se afastasse do meu caminho.»

É óbvio, pois, que ele sofreu as investidas dos espíritos das trevas, encarnados e desencarnados. Entretanto, apesar de todos esses óbices, de todos os tropeços, de toda a resistência, nada conseguiu arrefecer ou apagar o idealismo do Apóstolo, que pertencia à estirpe daqueles que sabem o que quer e que jamais esmorecem diante das tribulações, porque ele sabia intuitivamente que era o «vaso escolhido», segundo as palavras de Jesus a Ananias (Atos, 9:15), e estava nele dar continuidade ao processo revelacionista iniciado pelo Cristo, atuando como mediano que «muito teria que sofrer pelo seu nome» e a quem estava atribuída a tarefa grandiosa de levar as palavras do Evangelho «aos gentios, aos reis e aos filhos de Israel.»

—oOo—

Os grandes missionários que têm ajudado a humanidade no afã de descortinar a verdade, acendendo fochos de luz para que ela deixe de viver mergulhada no obscurantismo, têm sofrido o impacto dos espíritos das trevas, interessados na manutenção de um estado de coisas que persiste a longos séculos. Paulo de Tarso não poderia ter sido exceção, pois, a sua portentosa missão vinha ajudar a solapar os alicerces de uma organização milenar que se apresentava exteriormente com o caráter de zelosa vigilante de determinadas leis religiosas, mas que interiormente alimentava o mais arraigado espírito de hegemonia política.